



DORA E DARCI CARDOSO: ação na Justiça Federal para conseguir os remédios da quimioterapia

Doentes compram remédios

Aposentado apelou à Justiça para obter medicamento

• Desde 1995 o aposentado Darci da Silva Cardoso convive com o câncer. Entre maio e junho deste ano Darci precisou conviver também com o desespero de estar internado no Antônio Pedro e não ter os medicamentos de que precisava: nem para tratar o câncer, nem para combater o agravamento do seu estado. A mulher de Darci, Dora Cardoso, comprou os remédios. Mas o casal entrou com uma ação na Justiça federal, obtendo uma liminar que obriga a direção do hospital a garantir as 30 doses do medicamento quimioterápico de Darci. Cada uma custa R\$ 400.

— Tive que entrar na Justiça porque ele não pode deixar de tomar o remédio e não temos condições de pagar — conta Dora.

Darci e Dora não se cansam de elogiar o tratamento dos profissionais de saúde e contam passagens de desespero não só dos pacientes, mas também de médicos.

— Vi uma médica se sentar numa escada e chorar porque não tinha medicamento para dar aos doentes — diz Darci.

Outro caso emblemático é o de Gierdia Gibson Braga, de 8 anos, que luta contra uma leucemia há seis. Na quinta-feira passada, a menina, ao lado da mãe, Terezinha Gibson, recebia a dose do medicamento que deveria ter tomado há 15 dias. O tratamento de Gierdia é feito à base de sacrifícios. De Magé ao hospital, para ir e voltar, as duas precisam pegar seis ônibus. Nesses dias, os outros quatro filhos de Tere-

zinha ficam sob os cuidados da mais velha, de 12 anos. Mas nada se compara ao medo de ver a filha sem o remédio com o qual poderá ficar curada:

— Tivemos que parar o tratamento várias vezes porque o hospital ficou sem o remédio. Uma médica já me disse até que minha filha já poderia ter tido alta se fizesse o tratamento no tempo certo — afirma Terezinha.

A preocupação com a falta de medicamento também virou um tormento no dia-a-dia dos médicos. Sílvia Thomas, médica do Mato Grosso do Sul que está fazendo especialização no Antônio Pedro, diz que algumas vezes os médicos torcem para que pacientes novos consigam ser tratados em outros hospitais:

— O medicamento é parte do nosso instrumento de trabalho. Vivemos como se fôssemos para uma guerra sem munição.

Parte da pouquíssima quantidade de quimioterápicos do setor foi comprada com dinheiro da Grato (Grupo de Apoio a Pacientes em Tratamento Oncológico) uma espécie de ONG formada por médicos, residentes e antigos doentes para ajudar os carentes.

— O dinheiro era para ajudar na passagem ou na refeição. Agora também estamos usando esta verba para comprar alguns medicamentos — conta a professora Mônica Praxedes, responsável pelo setor de quimioterapia.